RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

TOYNBEE (Arnold J.). — **Civilization on trial.** New York. Oxford University Press. 1948. 263 p.p.

Na série de ensaios reunidos por Toynbee em volume publicado sob o título **"Civilization on trial** encontra-se exatamente o que se poderia chamar de "História viva", no sentido em que tôda a História é aí invocada, utilizada para o esclarecimento de situações presentes, ou melhor, para que se possa tentar uma explicação de todo o grande problema do mundo contemporâneo. A própria data de 1947 em que foi composta a maioria de tais artigos (10, num total de 13), é bastante significativa, e o conteúdo desta maioria revela-nos a maneira viva pela qual o homem do presente aplica os seus profundos conhecimentos de história do passado, fazendo-nos sentir a absoluta necessidade dêste acervo para que nos sintamos capazes de tratar de assuntos atuais; inversamente, é sugerida a inutilidade de tais conhecimentos, quando considerados por si mesmos, sem ligação com o momento em que vivemos. Daí a expressão "História viva", que julgamos poder aplicar ao sistema seguido na elaboração dos ensaios que ora constituem objeto de nossa apreciação. Tomemos, por exemplo, um dentre êles, em que é focalizada uma questão de interêsse tão vital para nós, como seja a da oposição que se verifica hoje em dia entre o Ocidente e o Oriente; encontraremos aí o mundo bizantino e o conflito entre as Igrejas ortodoxa e romana servindo de apôio para a afirmativa de que "this has had a profound effect on Russia's own attitude towards the West, not only before the Revolution of 1917 but after it" (pág. 171). Esta maneira de proceder do A. encontra ainda uma base muito mais forte quando se tem a atenção chamada para o fato de que, na história humana, por mais que se recue no tempo, nunca o passado está suficientemente distante para que dêle nos sintamos desligados. Na verdade, que são alguns milênios comparados com a antiguidade do homem, da vida sôbre a Terra, ou do próprio planeta? — Nada mais que um "almost infinitesimally short time" (pág. 216). Esta consideração, indispensável para a tomada de perspetiva no tempo, parece constituir uma preocupação constante para Toynbee, como se conclui da freqüência com que o historiador a ela se refere: em 5 dos 13 artigos somos advertidos dêste fato, como que para dêle não nos esqueçamos ao tratar-se do estudo, não só da História pròpriamente dita, mas mesmo de qualquer problema de nossos dias.

Um dos resultados da aplicação dêste princípio é u'a maior facilidade para se compreender a História como um grande todo, cujas partes são sempre suscetíveis de comparações, de aproximações; isto, aliás, constitui um dos temas favoritos do A., como se vê claramente pela introdução ao seu "Study of History". Nos ensaios em questão pode-se, fàcilmente, notar certas etapas, através das quais tal noção torna-se cada vez mais ampla: a princípio, abran-

(1) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

gendo tôdas as regiões do moderno mundo Ocidental (págs. 49, 223), em seguida, o Oriente e o Ocidente atuais (págs. 88-89), depois, tôdas as civilizações que até hoje existiram ou existem (págs. 55, 159), e por fim, transbordando dos próprios limites terrenos, conforme se lê às págs. 249 e 260, esta última bem digna de transcrição: "While it is not true that man's social life and human relations in this world are merely a mean towards a personal spiritual end, the underlying truths are that in this world we do learn by suffering; life in this world is not an end in itself and by itself; that it is only a fragment (even if an authentic one) of some larger whole; and that, in this larger whole, the central and dominat (though not the only) feature in the soul's spiritual landescape is its relation to God."

Tal idéia, por sua vez — frizemos bastante — é essencial para a boa compreensão de Toynbee. Trata-se de um autor que crê em Deus e que traça o seu quadro partindo de um ponto de vista cristão, como bem faz notar Karl Jaspers em trabalho recentemente publicado ("Vom Ursprung und Ziel der Geschichte", pág. 347). Em virtude disto sugeririamos mesmo àqueles que ainda não leram "Civilization on trial" e que pretendem fazê-lo, que principiem a leitura pelo último artigo, "The meaning of History for the soul"; sabendo-se de antemão que o A. considera o mundo como uma província do Reino de Deus ("one province only, and not the most important one" (pág. 263), compreender-se-ão de maneira muito mais clara certas asserções que, à primeira vista poderiam oferecer margem a dúvidas.

Outros pontos que merecem ainda destaque no livro em questão dizem respeito ao papel da religião na História e ao próprio método de trabalho nesta disciplina.

O elemento religioso, em geral, é da mais alta importância, bastando que se diga que o A. expressa a opinião segundo a qual a própria grande crise que ora atravessamos pode ser resolvida, não pelo poderio material de orientais ou de ocidentais, mas por recursos de caráter religioso: "Our cue may still be given us by the message of Christianity and the other higher religions, and the saving words and deeds may come from unexpected quarters" (pág. 28). Esta mesma idéia surge ainda em outras passagens, como por exemplo à pág. 91, em palavras que passamos a transcrever e que dizem respeito ao moderno mundo ocidental: "The most obvious ingredient in it is technology, and man cannot live by technology alone. In the fullness of time, when the oecumenical house of many mansions stands firmly on its own foundations and the temporary Western technological scaffolding falls away — as I have no roubt that it will — I believe it will become manifest that the foundaiton are firm at last because they have been carried down to the bedrock of religion." A sobrevivência da religião em caso de ser uma civilização atingida por uma grande catástrofe é tratada no ensaio intitulado "Chistianity and Civilization", um dos mais interessantes do volume, em que o A. combate a afirmativa de Sir J.-G. Frazer, para o qual o Cristianismo teria sido uma das grandes causas da queda do Império Romano. Aliás, seja-nos permitido dizer que, na sua argumentação, Toynbee pode ser acusado de incorrer num excesso de lógica e de querer aplicar tal lógica aos cristãos da época imperial, uma vez que, ao combater a tese do egoismo de taís cristãos, assim se expressa: Seeking God is itself a social act. And if God's love has gone into action in this world in the Redemption of mankind by Christ, then man's efforts to make himself liker to God must include efforts to follow Christ's example in sacrificing himself for the redemption of his fellow men. Seeking and following God in this way, that is God's way, is the only true way for a human soul on Earth, to seek salvation. The antithesis between trying to save one's own soul by seeking and following God and trying to do one's duty to one's neighbour is therefore wholly false. The two activities are indissoluble. The human soul that is truly seeking to save itself is as fully social a being as the ant-like Spartan or the bee-like Communist. Only, the Christan soul on Earth is a member of a very different society

from Sparta or Leviathan. He is a citizen of the Kingdom of God, and therefore his paramount and all-embracing aim is to attain the highest degree of communion with, and likeness to, God himself; his relations with his fellow men are consequences of, and corollaries to, his relations with God; his way of loving his neighbour as himself will be to try to help his neighbour to win what he is seeking for himself — that is, to come into closer communion with God and to become more godlike" (págs. 246-247). Na realidade, tudo isto é muito claro. Mas, sem querermos nos colocar ao lado de Frazer, achamos justa uma pergunta a Toynbee: raciocinariam aquêles cristãos dos primeiros séculos, impressionados com a iminência do fim do mundo e preocupados acima de tudo com a própria salvação, com a mesma frieza lógica de um historiador-filósofo do século XX?

Quanto ao método, naturalmente, o que há são pequenas passagens relativas a princípios que foram fartamente aplicados no "Study of History" e que conduzem sempre à conclusão — que nos parece totalmente incontestável — da impossibilidade de se poder fazer história nacional (qualquer que seja ela), dentro de estreitos limites de espaço e tempo. E é ainda nesta base que se apoia o A. para enunciar o que constitui a verdadeira missão do historiador no mundo atual: "History...makes, I feel, the following call upon historians of our generation and of the generations that will come after ours. If we are to perform the full service that we have the power to perform for our fellow human beings — the important service of helping them to find their bearings in a unified world — we must make the necessary effort of imagination and effort of will to break our way out of the prison walls of the local and short-lived histories of our own countries and our own cultures, and we must accustom ourselves to taking a synoptic view of history as a whole" (págs. 158-159). E o preenchimento desta missão é tanto mais urgente quanto "Personally, I do not believe that this antediluvian Western traditional historical outlock is going to last much longer. I have no doubt that a re-orientation is in store for us in our turn, and in our case, I fancy, it will be one in the literal meaning of worlr" (pág. 63).

PEDRO MOACYR CAMPOS.

BOUTON (André). — **Les voies antiques: les grands chemins médiévaux et les routes royales du Haut-Maine, Département de la Sarthe.** Le Mans, Imprimerie M. Vilaire, 1947. 228 p., 13 grav. e 2 cartas.

Neste volume estuda o A. os caminhos antigos de uma pequena região da França — o Departamento de Sarthe — tendo como centro a cidade de Le Mans. Desnecessário insistir na importância e no interêsse de estudos dessa natureza para a compreensão dos fatos históricos e econômicos dum país. O A. é da região estudada, conhece-a bem, percorreu quase todos os caminhos estudados e, ao contrário do que êle próprio imaginou, não lhe escassearam os documentos para a elaborção de seu trabalho. Serviu-se de tudo quanto lhe puderam fornecer a toponímia, a cartografia, a arqueologia, a epigrafia: mapas antigos, tábuas, itinerários, desenhos, relatos de viagem, reproduzindo no seu livro diversas fotografias, principalmente de mapas e de desenhos constantes de vitrais e de baixos relevos. Aos historiadores brasileiros que, direta ou indiretamente, têm se interessado pelo estudo das vias de comunicação, um ligeiro contacto com a obra de André Bouton não faz senão contrastar as condições que o estudo dêsse tema oferece num país novo como o nosso, onde as estradas mais antigas não remontam além do século XVI, com um país de civilização milenar como a França. A abun-